ESTEPHANY DE LIMA BEZERRA

A HISTÓRIA DA ARTE DAS MULHERES: Um resgate das contribuições femininas na História da Arte

RESUMO

O trabalho aqui apresentado pretende abordar a participação da mulher na História da Arte. Primeiramente, a monografia busca evidenciar o ocultamento da mulher como sujeito e sua contribuição histórica. Com ênfase na história da arte, problematizar como a mulher artista foi apresentada desde os primórdios até o século XXI. De maneira a evidenciar o trajeto das artistas Sofonisba Anguissola, Anita Malfatti e Beatriz Milhazes. Além disso, discorre sobre o apagamento da mulher/artista e sua luta por reconhecimento e visibilidade, sua busca por reconhecimento como artista e não como musa ou objeto.

Palavras-Chave: História da Arte. Mulher. Artista. Feminista.

ABSTRACT

The present work intends to approach the participation of women in the History of Art. First, the monograph seeks to highlight the cover-up of women as subjects and their historical contribution. With an emphasis on art history, problematize how the female artist presented herself from the beginning to the 21st century. In order to highlight the trajectory of the artists Sofonisba Anguissola, Anita Malfatti and Beatriz Milhazes. In addition, it discusses the erasure of the woman / artist and her struggle for recognition and visibility, her search for recognition as an artist and not as a muse or object.

Key-Words: Art History. Woman. Artist. Feminist

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Édouard Manet, Almoço na relva, 1863, óleo s/ tela, 215 x 271 cm, Paris. 13
Figura 2: Pablo Picasso, Les Demoiselles d'Avignon (Assenhoritas de Avignon), 1907, óleo sobre tela, 243.9 X 233.7cm, MoMA, New York, USA 13
Figura 3: Do Women Have to be Naked to Get into the Met. Museum? Guerrilla Girls, 1988. 15
Figura 4: As mulheres precisam estar nuas para entrar no Museu de Arte de São Paulo? Guerrilla Girls, 2017. 15
Figura 5: Sofonisba Anguissola, Auto-retrato, 1554, Óleo sobre tela, 19,5 x 12,5 cm. Kunsthistorisches Museum, Viena.....18
Figura 6: Sofonisba Anguissola, A Partida de Xadrez, retrato em grupo de Elena, Lucia, Minerva e criada, 1555. Óleo sobre tela, 72 x 97 cm. Muzeum Narodowe (National Museum), Poznan, Poland.....19
Figura 7: Anita Malfatti – Autorretratp, 1922. Pastel sobre papelão, 36.50 cm x 25.50 cm Coleção de Artes Visuais do Instituto de Estudos Brasileiros - USP (São Paulo, SP) 20
Figura 8: Beatriz Milhazes 21
Figura 9: O mágico, 2001 22

ÍNDICE DE ABREVIATURAS E SIGLAS

MASP..... Museu de Arte de São Paulo
UFRN..... Universidade Federal do Rio Grande do Norte

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 11
2 A MULHER ARTISTA E FEMINISTA 12
3 A HISTÓRIA DA ARTE DAS MULHERES 17
3.1 SOFONISBA ANGUISSOLA 17
3.2 ANITA MALFATTI 20
3.3 BEATRIZ MILHAZES 21
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS 23
REFERENCIAS 24

1 INTRODUÇÃO

Antes mesmo de ingressar na universidade, percebia e me incomodava com a desigualdade entre homens e mulheres. Por muito tempo não entendi o porquê de algumas pessoas acreditarem que havia “funções masculinas” e “funções femininas”. No ano de 2014, ingressei na Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN, no curso de Teatro – Licenciatura. Durante o curso alguns eventos e aulas tornaram minhas ideias críticas em relação a alguns temas. Chegando na pós-graduação, alguns fatos me fizeram refletir sobre mulheres na arte, mais precisamente, o apagamento das mulheres na arte, surgindo o interesse em identificar as lutas por reconhecimento.

Na narrativa da história, a mulher foi ignorada por muitos séculos. Com a história da arte chegaram ao século XX poucos nomes femininos de artistas se consagraram. Somente após o ano de 1970, com o avanço dos estudos de gênero houve um resgate histórico da contribuição feminina. Entretanto, ainda hoje, no ano de 2021 a voz feminina é pouco ouvida. Uma das primeiras constatações, durante a escrita do presente trabalho, mostra que mesmo as artistas que alcançaram sucesso no seu tempo foram apagadas da grandiosa história da arte.

O objetivo desta monografia é destacar a contribuição artística feminina desde os primórdios a partir da explanação de três artistas de períodos diferentes, nomes como o de Sofonisba Anguissola (1532-1625), Anita Malfatti (1889-1964) e Beatriz Milhazes (1960 - o presente momento) representam tantas outras artistas que contribuíram para a história da arte e da humanidade e não estiveram na lista de artistas a ser mencionada quando falar de arte.

Portanto, para fazer uma reflexão sobre a trajetória da mulher/artista, o trabalho foi dividido em dois capítulos. No primeiro capítulo, uma reflexão sobre a participação e anulação da mulher como sujeito da sociedade e história da arte. No segundo capítulo, a partir da pergunta provocadora de Linda Nochlin, “Por que não houve grandes mulheres artistas?”, tratar a história de algumas artistas, as condições que tiveram para desenvolver suas criações artísticas.

2 A MULHER ARTISTA E FEMINISTA

Faz-se necessário evidenciar os encontros e majoritariamente os desencontros históricos, sociais e artísticos em relação a mulher, os quais se diferem do homem, por isso a importância da reflexão sobre homens e mulheres e suas diferenças. Por muitas vezes o termo “feminino” é associado ao ser frágil e delicado de forma idealizada, sendo assim, é necessário frisar que no decorrer do presente trabalho o termo “feminino” faz referência ao sexo feminino.

As mulheres são ensinadas desde a infância a cuidar de bonecas, cuidar da casinha e servir a todos esses papéis na fase adulta. E a mulher que tenta modificar o próprio destino muitas vezes paga um preço bem alto. Aquela que consegue conquistar o lugar que almeja, profissional por exemplo, tende a viver conflitos internos e externos para dar conta da missão que foi lhe dada quando o médico disse “é menina”. Muitas mulheres estão em busca de serem donas de sua própria vida, sentem a necessidade de ter a chave em suas mãos, poder escolher em que porta entrar ou quais portas querem conhecer, seja um caminho profissional, acadêmico, materno, doméstico ou até mesmo todos eles simultaneamente.

A fim de contextualizar, vale mencionar que em boa parte da nossa história, eram os homens, na sua maioria, que tinham acesso ao conhecimento, ler e escrever, assim estavam sempre em posse da razão. Ficando para as mulheres na maior parte dos casos, o destino de cuidar do casamento, do lar e dos filhos. Outrora pudesse estudar para o magistério, sendo essas as mulheres que acessariam ao conhecimento, de forma intelectual e artística, mesmo sem muitos registros na história.

Virgínia Woolf, em seu livro “Um Teto Todo Seu” supõe que se Willian Shakespeare tivesse uma irmã tão talentosa quanto ele, a jovem seria repreendida pelos pais e comparada à bruxas, feiticeiras, onde acabaria fugindo de casa. E para onde ela fosse, encontraria somente abusos e não reconhecimento, sem oportunidades, chegando até à morte. (WOOLF, 1985, p. 63).

No campo artístico, sabemos que a mulher esteve presente não só como musa, mas como artista. Entretanto, sua participação como inspiração vem dos mais remotos tempos. Segue como exemplo duas obras modernas, “Almoço na relva” de Manet (Figura 1) e “Les demoisseles d’Avignon” do cubista Picasso (Figura 2), as duas

obras, assim como tantas outras, são exemplos do corpo feminino, apenas posando para o registro, registro esse de olhar masculino.

Figura 1: Édouard Manet, Almoço na relva, 1863, óleo s/ tela, 215 x 271 cm, Paris.

Fonte: revista Arte e Artistas

Figura 2: Pablo Picasso, Les Demoiselles d'Avignon (Assenhoritas de Avignon), 1907, óleo sobre tela, 243.9 X 233.7cm, MoMA, New York, USA

Fonte: FARTHING, 2010, P. 392.

Já bem estabelecido o século XX, as atitudes anteriores de mulheres que buscaram falar de alguma forma e não foram ouvidas, começaram a ser evidenciadas, certamente a mulher travou batalhas em séculos anteriores, mas que a história da arte não creditou, mas, enfim, novas mulheres puderam colher os frutos das sementes plantadas por outras negligenciadas de reconhecimento nos séculos XVIII e XIX. Incluindo conquistas como o ganho das sufragistas, as mulheres participariam de decisões políticas, bem como a professora e escritora Maria Zina Gonçalves de Abreu reforçou em seus livros, dando voz aos motivos do movimento.

> As sufragistas argumentavam que as vidas das mulheres não melhorariam até que os políticos tivessem de prestar contas a um eleitorado feminino. Acreditavam que as muitas desigualdades legais, econômicas e educacionais com que se confrontavam jamais seriam corrigidas, enquanto não tivessem o direito de voto. A luta pelo direito de voto era, portanto, um meio para atingir um fim. (ABREU, 2002, p. 460).

As sufragistas levantaram um movimento que se desenvolve bastante na Inglaterra, onde o embate com o governo foi muito grande, logo se expande para outros países, como a França. As mulheres do movimento lutavam pelo voto feminino, e por outras questões igualitárias, como o direito à vida e a liberdade, uma busca por equidade onde algumas mulheres acabaram sendo presas.

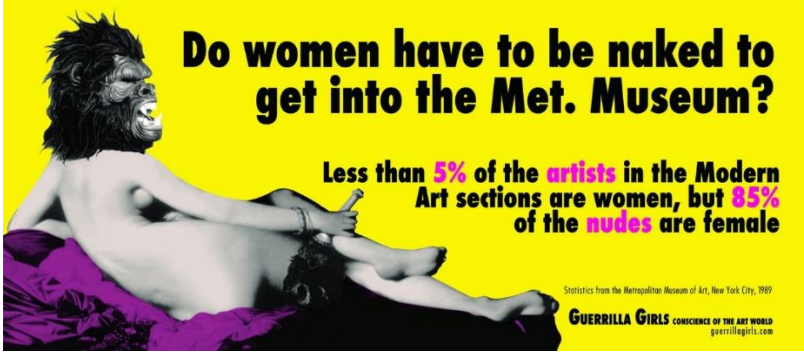
As mulheres desataram laços, conquistaram diversos espaços em que muitas vezes não é preciso renunciar à vida do lar, o cuidar da família. Passaram a dividir seu tempo com múltiplas funções e atividades, exercendo simultaneamente e de forma flexível a carreira profissional, artística, afazeres domésticos e sua presença e muitas vezes gerenciamento familiar.

Homens e mulheres viveram situações diferentes, vale ressaltar aqui, de acordo com a linha de raciocínio do presente trabalho, as desigualdades que podem ser vistas em todos as áreas da nossa sociedade, enfatizando na área artística. A história da arte é contada a partir das realizações masculinas e por um olhar masculino, acabando por reduzir o conhecimento das produções femininas, embora a mulher estivesse muito presente na arte, sendo representada em inúmeras obras masculinas, isto é, como objeto de contemplação. Ao tentar resgatar o protagonismo da mulher nos livros de história da arte será bem difícil encontrar um nome feminino como referência, uma mulher reconhecida como grande mestra ou fundadora de uma grande escola.

Com a expansão do movimento feminista, discussões sobre o que limitava a mulher passaram a vir à tona, de acordo com Talita Trizolli (2008, p. 1498), “o movimento feminista na arte vem então para desconstruir a premissa de mulher objeto de desejo. De musas inspiradoras para o olhar do artista, passamos a ser o olho e a mão que cria.” Desde então, mulheres passaram a si representar, mulheres que retratavam mulheres. Conforme a evolução do movimento e os rumores do início de uma nova era na arte, novas oportunidades surgiam para mulheres artistas e para a temática feminista. A arte contemporânea. Assim surgem novas perguntas sobre o que é arte. Um grupo de mulheres, artistas e feministas estadunidenses, na ativa

desde 1985, ficaram conhecidas como *Guerrilla Girls* e trazem questionamentos sobre sexismo no mundo da arte. Problematizam em apresentações e cartazes, como podemos observar na Figura 3.

Figura 3: Do Women Have to be Naked to Get into the Met. Museum? Guerrilla Girls, 1988.



Fonte: Guerrilla Girls

O cartaz foi exposto pela primeira vez no ano de 1989, e mostra o corpo de uma odalisca, a Grande Odalisca, do pintor Jean-Auguste Ingres (1780-1867), com a cabeça modificada para uma cabeça de gorila, símbolo das artistas estadunidenses. O intuito do cartaz era criticar o Museu Metropolitano de Nova Iorque, que na época tinha menos que 5% de obras no acervo criadas por mulheres e que 85% dos nus do acervo eram femininos. “Nós fomos as *Gorillas Girls* antes de ser *Guerrilla Girls* por lapso de uma redatora, que confundiu os nomes gorilla e guerrilla” Contou uma das artistas do coletivo em uma reportagem concedida ao Estadão em 2017. No mesmo ano, quando ainda estavam no Brasil, fizeram o levantamento sobre a aparição da mulher no Museu de Arte de São Paulo, atualizando o cartaz, segundo a Figura 4.

Figura 4: As mulheres precisam estar nuas para entrar no Museu de Arte de São Paulo? Guerrilla Girls, 2017.

Fonte: Guerrilla Girls

Com o levantamento do grupo, foi constatado que apenas 6% dos artistas que expõem no Masp são mulheres e que mais 60% dos nus do acervo são nus femininos, ou seja: As mulheres precisam estar nuas para entrar no Museu de Arte de São Paulo? Portanto, o feminismo se fez e faz importante no espaço artístico, como concluem Branca Moreira Alves e Jacqueline Pitanguy.

> O feminismo se constrói, portanto, a partir das resistências, derrotas e conquistas que compõem a História da Mulher e se coloca como um movimento vivo, cujas lutas e estratégias estão em permanente processo de re-criação. Na busca da superação das relações hierárquicas entre homens e mulheres, alinha-se a todos os movimentos que lutam contra a discriminação em suas diferentes formas (ALVES; PITANGUY, 2007, p. 74).

A história da mulher, mulher artista, durante séculos foi algo desestruturado, sem espaço e reconhecimento. Foi preciso lutar e resistir para conseguirem fazer o que queriam, lutar e resistir ainda mais para serem reconhecidas pelo que faziam e fazem até hoje, mulheres, artistas, que ainda buscam no século XXI por visibilidade.

3 A HISTÓRIA DA ARTE DAS MULHERES

Em 1971, a fim de discutir a presença feminina na arte, a historiadora da arte Linda Nochlin, levanta questionamentos acerca da existência de grandes mulheres artistas em seu artigo “Por que não houve grandes mulheres artistas?”, com certeza a historiadora tinha conhecimento do ocultamento e desvalor que se pregou sobre mulheres artistas por muito tempo.

> A culpa não está nos astros, em nossos hormônios, nos nossos ciclos menstruais ou em nosso vazio interior, mas sim em nossas instituições e em nossa educação, entendida como tudo o que acontece no momento que entramos nesse mundo cheio de significados, símbolos, signos e sinais. Na verdade, o milagre e dadas as esmagadoras chances contra as mulheres ou negros, que muitos destes ainda tenham conseguido alcançar absoluta excelência em territórios de prerrogativa masculina e branca como a ciência, a política e as artes (NOCHILIN, 1971, p. 8).

Linda Nochlin acredita que alguns dos motivos para as mulheres não terem sido reconhecidas na história da arte foi o ofuscamento de condições, bem diferente dos homens artistas, que com suporte desenvolviam seus trabalhos e conquistavam seus títulos na história da arte. Contudo, de modo a valorizar a contribuição da mulher na história da arte, em contar a história da arte das mulheres, elevemos a trajetória de algumas delas, como Anita Malfatti, Beatriz Milhazes e Sofonisba Anguissola.

3.1 SOFONISBA ANGUISSOLA

O Renascimento foi um período de muitas transformações, durante o século XIV ao XVI. No período Renascentista o homem se colocou como centro de todas as coisas, que refletiu na arte e tornou famosos até hoje artistas daquele período, nomes como Leonardo Da Vinci, Michelangelo, Sandro Botticelli e Rafael Sanzio. Sofonisba Anguissola (Figura 5) é uma artista que pertence ao mesmo período, mesmo que não tenha recebido o mesmo destaque que os artistas homens já citados aqui.

Figura 5: Sofonisba Anguissola, Auto-retrato, 1554, Óleo sobre tela, 19,5 x 12,5 cm. Kunsthistorisches Museum, Viena

Fonte: Disponível em: commons.wikimedia.org Acesso em: 06/03/2021

Nascida em Cremona, na Itália, entre os anos 1532 e 1538, Sofonisba Anguissola era a mais velha de 7 irmãos, sendo 1 homem e 6 mulheres, seu pai, Almicare Anguissola e sua mãe Bianca Ponzoni, eram muito preocupados com a educação dos filhos, inclusive com as aprendizagens artísticas, assim, Sofonisba e duas de suas irmãs estudaram no ateliê do pintor Bernardino Campi entre os anos de 1550 a 1559. Ela e uma das irmãs continuaram interessadas na pintura e seu talento foi chamando a atenção do pai. Certa vez, o senhor Almicare escreveu para Michelangelo enviando-lhe um dos desenhos de Sofonisba, o desenho era de uma criança sorrindo, Michelangelo não hesitou em responder e pediu-lhe que enviasse outro desenho, agora de uma criança chorando. O segundo desenho foi muito elogiado por Michelango.

Durante sua juventude na Itália, Sofonisba pintou muitos retratos da família e autorretratos. No quadro “A partida de xadrez, retrato em grupo de suas irmãs” (Figura 6), a jovem escreveu, como de costume em outras pinturas, que é virgem e filha de Almicare, "SOPHONISBA ANGUISSOLA VIRGO AMILCARIS FILIA EX VERA EFFIGIE TRES SUAS SORORES ET ANCILAM PINXIT MDLV”.

No que supõe ser seu primeiro autorretrato (figura 5), a artista também escreveu no livro que ela segura, “Sophonisba Angussola virgo seipsam fecit 1554” (Sofonisba Anguissola, virgem, fez a si mesma em 1554). Já durante a juventude, Sofonisba chavama a atenção por seu talento, O Rei Felipe II, da Espanha, convida-a para ser dama de companhia de sua futura esposa, já que naquela época, por ser

mulher não poderia ter o título de pintora oficial da corte. No tempo em que esteve na corte, Sofonisba consegue elevar sua fama como artista, quando seu quadro da rainha é enviado para o Vaticano, a pedido do Papa Pio IV.

Aos 40 anos, o Rei Felipe II arranja um casamento para Sofonisba com o nobre Frabrizio Moncada e ela muda-se para Sicília. O casamento foi interrompido depois de 5 anos pela morte do Frabrizio que foi vítima de um ataque de piratas durante uma viagem de navio. Portanto, Sofonisba retorna para sua cidade, Cremona e em seguida, casa-se novamente com o capitão o Horacio Lomellino e moram em Gênova e Palermo por mais de 30 anos até retornarem para a Sicília, Sofonisba permaneceu pintando, inclusive, em 1624 chegou a receber a visita do artista Van Dyck.

Figura 6: Sofonisba Anguissola, A Partida de Xadrez, retrato em grupo de Elena, Lucia, Minerva e criada, 1555. Óleo sobre tela, 72 x 97 cm. Muzeum Narodowe (National Museum), Poznan, Poland.

Fonte: Disponível em: commons.wikimedia.org Acesso em: 06/03/2021

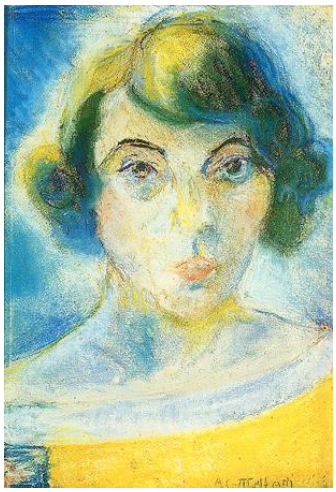
Sofonisba foi uma mulher muito capaz, habilidosa e criativa, fez muitos retratos e autorretratos, entretanto, como muitas artistas daquele período, foi ocultada da história da arte. Graças a estudiosos posteriores ao seu tempo, que estudaram sua obra temos hoje acesso a história dessa grande artista. Sendo ela visionária e com muita criatividade trabalhou os retratos e autorretratos.

Sofonisba Anguissola morreu em Palermo, na Itália, em 1625 com mais de 90 anos, sua história de vida e trajeto como artista foi totalmente relevante e interessante. Portanto, que Sofonisba seja reconhecida em seu lugar merecido na História da Arte.

3.2 ANITA MALFATTI

Anita Catarina Malfatti (Figura 7) nasceu em 2 de dezembro de 1889 na cidade de São Paulo, desde criança usava a mão esquerda para escrever e desenhar, devido ter nascido com uma doença congênita, que limitou os movimentos da mão e do braço direito.

Figura 7: Anita Malfatti – Autorretratp, 1922. Pastel sobre papelão, 36.50 cm x 25.50 cm Coleção de Artes Visuais do Instituto de Estudos Brasileiros - USP (São Paulo, SP)



Fonte: Disponível em: commons.wikimedia.org Acesso em: 06/03/2021

Filha Samuel Malfatti, um engenheiro italiano e da americana Elisabete Malfatti, que era professora. Anita também se formou professora em São Paulo e posteriormente foi estudar na Academia Real de Belas Artes de Berlim, Alemanha, depois nos Estados Unidos e Nova York. A jovem teve condições de buscar estudos para se aprimorar como pintora, inclusive, teve aulas de pintura com diversos artistas.

Quando a talentosa Anita retorna ao Brasil, percebe que poucas coisas mudaram desde a sua partida para a Europa: uma tradicional arte acadêmica em busca da reprodução fiel. Cheia de ideias modernistas, têm a ajuda de Di Cavalcante, outro artista brasileiro, para organizar uma exposição de arte individual em São Paulo.

No ano de 1917 “exposição de Arte Moderna Anita Malfatti”. A exposição contava com novidades para o cenário artístico brasileiro, tendências expressionistas chocaram a crítica brasileira. A senhorita Malfatti foi incompreendida e foi ofendida.

O escritor Monteiro Lobato (1882-1948) publicou um artigo no jornal O Estado de S. Paulo intitulado “Paranoia ou mistificação” em que afirmava que as obras da

artista paulistana Anita Malfatti e as vanguardas europeias eram artes caricaturais, deformadas e ridículas. Além do escritor, pessoas comuns também zombavam de obras que quebrassem os padrões acadêmicos, que saíssem dos padrões habituais.

Naquela época, havia as “pinturas femininas” e as “pinturas masculinas”, somente as obras dos homens eram consideradas profissionais. Homens frequentavam escolas e se profissionalizavam, podiam pintar temas nobres, cenas históricas, mitológicas e religiosas. As mulheres ficavam como retratistas, faziam retratos, cenas domésticas e de naturezas-mortas. Deviam também, em sua técnica, transparecer a “leveza” e “delicadeza”.

Mesmo a exposição não tendo uma boa repercussão, “Anita Malfatti inseria-se na História da Arte do Brasil, num lugar muito definido: o marco inicial do movimento modernista”. (BATISTA, 2006, p.17). Em 1922 participou da Semana de Arte Moderna, que também chamou muita atenção no cenário artístico brasileiro. Anita Malfatti morreu na cidade de Diadema, São Paulo, onde morava com a irmã Georgina, em 6 de novembro de 1964.

3.3 BEATRIZ MILHAZES

A pintora, gravadora, ilustradora e professora Beatriz Ferreira Milhazes (Figura 8), nasceu no Rio de Janeiro em 1960. É formada em Comunicação Social e em Artes Plásticas, inclusive, alguns anos depois foi professora e coordenadora na Escola de Artes Visuais do Parque Lage.

Figura 8: Beatriz Milhazes

Fonte: Disponível em: commons.wikimedia.org Acesso em: 06/03/2021

Como pintora, Beatriz Milhazes dedicou-se à gravura e a ilustração, participou do livro de Katia Canton, “1001 NOITES À LUZ DO DIA: Sherazade Conta História Árabes”. Já em 1980 participa da exposição como vai você, geração 80, que contou com 123 artistas diversos, de idades e formação diferentes.

Beatriz visitou algumas universidades dos Estados Unidos e Europa, como: Tylersuniversity, na Filadélfia, Wichita university, em Kansas, Yale University, New Haven, Estados Unidos, onde pesquisou novas técnicas e materiais.

Duas das maiores exposições de Beatriz aconteceram na Pinacoteca de São Paulo ao final do ano de 2008, onde realizou intervenções nas janelas da Pinacoteca utilizando materiais translúcidos e ocupando a maior sala da Estação, E na Fundação Cartier, França, no ano de 2009 com sua exposição individual de maior prestígio.

Nos dias atuais, Beatriz Milhazes é considerada a artista plástica brasileira de maior prestígio, o resultado de suas criações caiu na graça dos galeristas, que enxergam em suas criações uma brasilidade. Alguns de seus trabalhos foram arrebatas por valores altíssimos, como O Mágico (2001), que foi vendido em 2008, por US$ 1,049 milhão em um leilão nos Estados Unidos (Figura 9).

Figura 9: O mágico, 2001

Fonte: Paul, Frédéric. Meu Bem, 2013, p. 89

A técnica utilizada por Beatriz é a de monotipia, a artista prepara onde prepara sobre plásticos transparentes imagens que são deslocados como películas, aplicadas na tela por decalque, justaposição e sobreposições. Junta as imagens, preenchendo o fundo e fazendo um retoque à imagem final. É muito comum em suas obras a utilização de cores alegres e formas geométricas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Início estas considerações finais que, podem se configurar como um (re)começo, pensando se tenho vivido toda a minha transformação e participação, naquilo que ocorre dentro e fora de mim ou se tenho apenas sobrevivido, encontrando justificativas para estar aqui, sem compreender efetivamente a dimensão real de nossa condição, mulher.

Em espaços diferentes, as mulheres foram submetidas a autoridade e ego masculino, independente do que estava sendo realizado. A significativa monografia encontrada aqui, pretende reconhecer a participação da mulher na história e luta da arte contra sua única possível opção de porta a entrar, que foi muitas vezes imposta à mulher, como a maternidade, afazeres domésticos e dedicação ao casamento, ao homem.

Portanto, é de extrema importância o reconhecimento, mesmo que tardio das artistas mulheres. É importante ressaltar que para a presente pesquisa, houve dificuldades em acessar fontes, percebe-se a ausência de registros das conquistas femininas no mundo da arte, evidenciando ainda mais a escassez de informações anteriores ao século XX.

O objetivo inicial desta monografia era pesquisar a participação de mulheres na história da arte. Para tanto, foi feito o levantamento de dados em livros e artigos mencionados nas referências do presente trabalho. Considero importante a presença e reconhecimento da como artista desde os mais remotos tempos.

Quanto às mulheres do século XXI, consideraria dizer, multifacetada, mulheres atuantes, que na maioria das vezes não vivem prisões, não por escolha própria. Mulheres que decidem interromper sua jornada profissional para cuidar dos filhos, abrem espaço para dividir contas a pagar e afazeres domésticos com o homem. Muitas vezes, a mulher do século XXI sozinha é responsável por gerir todas as áreas ao seu redor, inclusive, assumir cargos políticos. Mesmo assim, essa mulher ainda vive o machismo e a falta de reconhecimento.

A mulher do século XXI é tudo isso sendo a mesma mulher que séculos atrás não tinha direito a voto, que olhando a história, é a mesma mulher de todos os séculos, mas agora ainda mais determinada.

REFERENCIAS

ABREU, Maria Zina, Gonçalves**. Luta das Mulheres pelo Direito de Voto.** In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio. Dicionário Crítico de Gênero. Ponto Delgada: Revista da Universidade dos Açores, 2ª série, VI, 2002. Disponível em: http://hdl.handle.net/10400.3/380 acesso em 05/03/2021. Acesso em: 05 Mar. 2021

ALVES, Branca Moreira e PITANGUY, Jacqueline. **O Que é Feminismo.** São Paulo: Brasiliense, 2007. (Coleção primeiros passos; 44).

BATISTA, Marta Rossetti. **Anita Malfatti no tempo e no espaço: biografia e estudo da obra**. São Paulo. Ed. 34; Edusp, 2006.

CAROLI, Flavio. **Sofonisba e le sue sorelle.** Milan. Arnoldo Mondadori. 1987. In: CHENEY, Liana De

GIROLAMI. Sixteenth **Century Journal**, Vol. 24, No. 4 (Winter, 1993) pp. 941-942.

GONÇALVES FILHO, Antônio. **Guerrilha Girls tomam o Masp e denunciam sexismo.** Disponivel em: http://cultura.estadao.com.br/noticias/artes,guerrilha-girls-tomam-o-masp-e-denunciam-sexismo,70002018858 Acesso em: 05 Mar. 2021

TRIZOLI, T. **O Feminismo e a Arte Contemporânea – Considerações.** In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 17, 2008. Florianópolis. p. 1495 – 1505.

NOCHILIN, Linda. **Por que não houve grandes mulheres artistas?** SP: edições aurora, 2016. Disponível em: http://www.edicoesaurora.com/ensaios/Ensaio6.pdf Acesso em 05 de Mar 2021

WOOLF, Virgínia**. Um teto todo seu.** 2ª ed. Rio de Janeiro; Ed. Nova Fronteira. 1985. 152p.